

Agricultura nas colônias alemãs no Vale do Itajaí

Sarue Brunetto
saruebrunetto@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo visa entender a imigração germânica para o estado de Santa Catarina, especialmente as colônias do Vale do Itajaí. Pretende-se entender como era a agricultura no vale do Itajaí, em colônias alemãs, e quais eram as expectativas dos alemães em relação a Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração germânica; Agricultura; Santa Catarina.

ABSTRACT: This article seeks to understand the german immigration to the state of Santa Catarina, especially the colonies of Vale do Itajaí. The aim was to understand how was the agriculture in Vale do Itajaí, in the german colonies, and what were the expectations of the germans in Santa Catarina.

KEYWORDS: German immigration; Agriculture; Santa Catarina.

Agriculture in the german colonies in Vale do Itajaí

Este artigo tem como objetivo compreender a colonização no Vale do Itajaí, levando em conta as expectativas dos alemães anteriores a 1850, através dos escritos de Dr. Blumenau para tentar entender: como esses alemães viviam? O que produziam nas novas terras? Como eram as propriedades? Como foi essa adaptação com o clima e a vegetação nova? Ao fazermos esses questionamentos, nos deparamos com a colonização e percebemos que a mesma não foi tarefa fácil para homens e mulheres que deixaram sua terra natal para tentar uma nova vida em outro lugar que não conheciam outro clima, outras vegetações, outros alimentos.

Ao longo do século XIX, existiram vários fatores para que a emigração ocorresse na Europa, como a industrialização, a proletarização, o desemprego, crise agrária. Várias famílias estavam passando por dificuldades, como a perda de suas terras¹. O contexto de perseguições políticas e religiosas, problemas sociais e necessidade muito grande de melhoria de vida fizeram com que esses alemães imigrassem para o Brasil.

¹ KLUG, João. “Imigração no Sul do Brasil”. In: GRIMBERG, Keila; SALES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial* – volume III – 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 202.



Já o Brasil, em princípios do século XIX, logo após a independência, procurava se afirmar como Nação. Para isso, era preciso entre outras coisas garantir a posse do seu território. Havia imensas áreas pouco povoadas, e o Sul do país não era uma exceção. Porém, não podemos deixar de levar em conta que para o governo brasileiro esta região era pouco povoada por estes não levarem em conta outras populações como os índios e caboclos.

Nessa região ainda havia o agravante de que em muitas épocas de sua história o território foi contestado, ou pela Espanha, ou pelos estados que se formaram após os processos de independência nessa parte da América do Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai).

O interesse era criar uma classe média de agricultores baseada no trabalho livre, na policultura e em pequenas propriedades, e com isso índios e caboclos ficaram fora desse processo, pelo fato de não poderem retirar as terras das companhias colonizadoras e não pertencerem à etnia ideal para o povoamento do Brasil.

Com o intuito de entender o que buscavam esses imigrantes no Brasil, e mais especificamente em Santa Catarina, analiso o livro do Dr. Hermann Blumenau, *Um Alemão nos Trópicos*², no qual o mesmo discorre sobre a província de Santa Catarina para os alemães. No texto ele diz: “Poderão obter seu sustento e estarão bem empregadas, desde que saibam utilizar adequadamente seus braços nas atividades do cultivo da terra, conciliando assim várias tarefas³”.

Para Dr. Blumenau, os agricultores seriam a classe mais favorecida com a imigração para Santa Catarina, e com esforço e trabalho prosperariam. Ele discorre sobre quais tarefas as mulheres encontrariam nas colônias, como as atividades domésticas, serviços leiteiros, jardinagem, costura nas horas vagas para obter um ganho extra, e cuidar da horta. Através dos seus escritos, podemos perceber que as mulheres tiveram muitos afazeres, cuidar da casa, dos jardins, das hortas, das vacas de leite. O trabalho dessas mulheres sempre foi muito árduo, pois tinham que cuidar da casa e dos serviços da roça. A situação permanece até os dias atuais, em diversas regiões do Estado e em diferentes culturas.

Ele divide os agricultores em três categorias: aqueles que não possuem meios e deverão trabalhar como empregados; aqueles cujos recursos são suficientes para se manterem por um tempo, juntamente com a força de seu trabalho, e os mais abastados, que desejam

² BLUMENAU, Hermann. “Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã”. In: FERREIRA, C.; PETRY, S.M.V. (Orgs.); BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento – Instituto Blumenau 150 anos, 1999, p.183-209.

³ Idem, p. 183.

investir o capital⁴. Percebemos que o discurso do Dr. Blumenau enfatiza o trabalho e o esforço pessoal como forma de o imigrante prosperar.

Seu texto demonstra que o dinheiro trazido pelos imigrantes ou conquistado com seu trabalho era usado para o pagamento da terra, os custos da viagem e com alimentação, até a primeira colheita.

A aquisição de gado se deu em período posterior, pois era preciso preparar o pasto, o que muitas vezes pode levar entre 7 e 9 meses. A maioria das terras era de florestas, e teriam que cortar as árvores, queimar o solo, para depois poder plantar o pasto. Os colonos que possuíam pouco dinheiro muitas vezes se restringiam ao plantio de batatas, milho, feijão⁵.

Outro produto que exigia um investimento maior dos colonos era a cana-de-açúcar, pois era necessária a aquisição de moenda, tachos e outros utensílios. A obra sugere que para que o colono pudesse trabalhar por conta própria, como com cana-de-açúcar, seria melhor que trabalhassem em sociedade, unindo 10 a 15 famílias para o plantio usando os mesmos utensílios, como uma forma de cooperativa.

As práticas rurais adotadas pelos imigrantes eram demarcadas pelos limites de cada lote colonial. O estabelecimento de colônias de imigrantes no Sul do Brasil teve como marca fundamental a sua fragmentação em pequenas propriedades rurais baseadas na policultura de subsistência. O tamanho médio dos lotes sofreu transformações ao longo do processo de colonização. Em 1824, a concessão era de até 75 hectares de terra, mas a partir de 1850, com a Lei de Terras, elas passaram a ser compradas, e o tamanho médio dos lotes foi reduzido para 50 hectares, posteriormente diminuído para 25 a 30, o chamado minifúndio⁶.

Na colônia de Blumenau, os lotes tinham por volta de 35 hectares. Eram propriedades rurais consideradas pequenas. Depois da compra do lote, o próximo passo era a derrubada da mata para construção da residência e depois as plantações. Como a propriedade era pequena, era necessário planejar, ajustar e demarcar bem o espaço, para que se pudesse plantar diversos produtos e criar animais.

Sobre a distribuição espacial dentro da maioria das propriedades, a casa ficava próxima de riachos e da estrada; os ranchos, mais conhecidos como paios, ficavam aos fundos e abrigavam a oficina, um depósito para os utensílios agrícolas e os estábulos. Ao lado da casa ainda estavam um galinheiro, uma horta, um pomar, um chiqueiro e outras criações

⁴ Idem, p. 191.

⁵ Ibidem, p. 195.

⁶ SANTOS, Manoel P.R.T. *Vida e trabalho na floresta: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX*. 2004. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2004, p. 104-141.

domésticas. Mais afastado ficavam as pastagens cercadas para cavalos, bois e vacas, assim como os diversos cultivos, geralmente compostos pelo canavial e as roças de milho, feijão, mandioca, batata e arroz⁷.

Esta distribuição de propriedade permaneceu por muito tempo, e em muitas propriedades da região ainda pode ser percebida. É importante ressaltar que esse modelo de propriedade não serviu somente para colônias alemãs, mas para outras colônias, como as italianas.

Por possuírem um pequeno local para produzir, os colonos nesse período derrubavam a mata, queimavam e capinavam para plantar. Porém, como não tinham muitas terras, plantavam anos no mesmo lugar e depois deixavam descansar a terra, para plantar em outro local da propriedade: esse modo é chamado de rotação da terra. Apesar deste período de descanso, a terra não recuperava totalmente os seus nutrientes e muito de sua qualidade era perdida. Por essas razões, muitas vezes os colonos não conseguiam boas colheitas.

Essas técnicas de rotação da terra foram aprendidas com os índios e caboclos e usadas em grandes extensões. Nas propriedades rurais dos colonos, em primeiro momento a preocupação foi com uma produção de subsistência, mas com o passar do tempo começa a produção de excedentes para venda ou troca, a fim de pagar a propriedade para as empresas colonizadoras. Os caboclos e os índios não tinham a mesma preocupação de produzir excedentes, que é uma característica dos colonos.

O governo brasileiro, que buscava por meio da imigração não só a ocupação territorial, mas também a formação de uma nova classe que produzisse excedentes e consumisse produtos, passou o controle das terras para empresas de colonização, que lucraram com a negociação e venda das mesmas para esses colonos.

Os colonos alemães, assim como vários europeus de outros territórios, receberam alguns conhecimentos dos indígenas: a rotação de terras, novas plantas cultivadas como milho, mandioca, batata doce, feijão preto, pois na Europa esses alimentos não eram cultivados. A base da alimentação do europeu era o trigo, e na região do Vale do Rio Itajaí as terras não são propícias para este tipo de cultivo⁸.

Com o passar do tempo, as colônias começaram a aperfeiçoar as técnicas de rotação de terras. Cresceu o número de implementos agrícolas e as condições econômicas melhoraram com o aumento da produção agrícola. Também aumentaram a aquisição e utilização de

⁷ Ibidem, p. 109.

⁸ BLUMENAU, op. cit., p. 195.



engenhos, moinhos. Em meados do século XIX, houve um crescimento na produção de culturas como milho e feijão e a introdução de plantas europeias como produto comercial⁹.

Como a agricultura, a criação de animais também teve um importante papel na vida rural dos imigrantes, com a comercialização de carnes, laticínios e também como meio de transporte de mercadorias e para arar a terra.

A produção agrícola no Vale do Itajaí, como em outras colônias de imigrantes europeus estabelecidos no Sul do Brasil durante a segunda metade do século XIX, tornou-se o principal alicerce para o desenvolvimento econômico e industrial da região.

Em 1861, a maior produção da colônia Blumenau era a de milho, ocupando cerca de 96 hectares; em segundo lugar a cana-de-açúcar com 72 hectares, mas também se produzia mandioca, tubérculos e feijão¹⁰. O cultivo desses produtos estava relacionado com o novo ambiente que passaram a viver e a influência dos indígenas e caboclos para o incremento das práticas rurais desses imigrantes.

A produção de milho estava relacionada com a criação de animais, como porcos e aves, que era expressiva. Os animais domésticos que as colônias do Vale do Itajaí mais criavam eram os bois e vacas, os cavalos, os porcos, as aves domésticas, os carneiros, as cabras e as mulas. Destes, apenas vacas, porcos e aves possuíam alguma importância comercial. Cavalos, mulas e bois destinavam-se exclusivamente ao transporte e tração, que nesse período era muito utilizado para a abertura de estradas na região com o intuito de beneficiar o transporte das mercadorias comercializadas pelos colonos. Cabras e carneiros, existentes em escala reduzida, eram basicamente para consumo doméstico.

Nas colônias também existiam estabelecimentos como engenhos de açúcar, engenhos de farinha de mandioca, alambiques, serrarias e engenhos de moer grãos, porém o maior número de estabelecimentos é o de transformadores de cana-de-açúcar, como os engenhos de açúcar e alambiques, principalmente na colônia de Blumenau. Assim, podemos perceber que tanto nos escritos do Dr. Blumenau como em outros livros, o engenho é colocado como muito importante e lucrativo para as colônias, como Dr. Blumenau cita:

No momento, nenhuma outra cultura é tão rentável quanto a de cana-de-açúcar, pois a aguardente e o açúcar representam dinheiro vivo, enquanto as demais exigem muita mão-de-obra e não se consegue negociar o produto facilmente¹¹.

⁹ SANTOS, op. cit., p. 114.

¹⁰ Ibidem, p. 120.

¹¹ BLUMENAU, op. cit., p. 195.



Outra atividade desenvolvida era a apicultura (criação de abelhas). Não ocorreu no início da colonização, mas em período posterior, quando os colonos perceberam que poderiam vender o mel, já que a região não possuía tais criações.

Os alemães passaram por muitas dificuldades de adaptação. Tiveram que buscar novos cultivos para a alimentação, aprendidos com indígenas e caboclos, pois algumas de suas plantas não se adaptavam ao clima ou ao solo brasileiro. Em seus primeiros contatos com as terras, tiveram que abrir as matas para iniciar o cultivo agrícola. Nesse primeiro momento, tiveram que se manter com alimentos que trouxeram de seu país, e muitas vezes passaram necessidades até conseguir produzir.

Povos indígenas e caboclos, no entanto, foram os mais prejudicados com a colonização, pois perderam suas terras, e em nenhum momento o governo brasileiro se preocupou com esses povos, como eles iriam sobreviver. Esse contato entre indígenas e europeus não foi algo pacífico, e muitos conflitos ocorreram e ainda ocorrem. Os indígenas eram considerados intrusos em sua própria terra. Da mesma forma, os colonos que adquiriam seus lotes coloniais eram vistos pelos indígenas como os verdadeiros invasores.

Como utilizar esse artigo na sala de aula

Através desse artigo podemos trazer elementos de como eram as propriedades rurais dos alemães no início da colonização, o que produziam, como eram sua alimentação, fazer um comparativo da alimentação na Europa e depois nas colônias, como eram suas moradias, a agricultura.

Para discutir sobre como eram as propriedades rurais, trazer fotos como a abaixo reproduzida e pedir que os alunos tragam algumas fotos de propriedades rurais da atualidade e de períodos anteriores.



Imagem do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva¹²

Sobre a alimentação, pedir para trazerem sementes, caules e raízes (milho, feijão, mandioca, entre outros) e mostrar alguns utensílios domésticos utilizados no período ou imagens dos mesmos.

Os alunos podem elaborar um texto sobre o que leram e observaram a respeito do momento histórico e comparar com os dias atuais.

¹² Para tal, ver: SANTOS, op. cit., p. 109.

Referências

BLUMENAU, Hermann. “Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã”. In: FERREIRA, C.; PETRY, S.M.V. (Orgs.); BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento – Instituto Blumenau 150 anos, 1999, p.183-209.

KLUG, João. “Imigração no Sul do Brasil”. In: GRIMBERG, Keila; SALES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial - volume III - 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 199-231.

SANTOS, Manoel P.R.T. *Vida e trabalho na floresta: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX*. 2004. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2004.

Recebido em 22 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 04 de junho de 2013.

